



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

S. GUALTER DE GUIMARÃES

ENSAIO BIOGRÁFICO

III

Aproximando-se de Portugal vem já os santos missionários Zacarias e Gualter.

Deixaram para trás, espalhados por terras de Espanha, a maior parte dos companheiros de viagem. Agora sòzinhos, avançam a largas jornadas, ansiosos por contemplar o campo que da Vinha do Senhor em sorte lhes tocou.

Era a estação calmosa. As terras ardiam, calcinadas pelos grandes calores de Agôsto. Por essas intermináveis e desoladas campinas de Castela e Estremadura, cobertas de restôlho sêco, donde os raios do sol se reflectiam dardejando, erraram dias e dias, atormentados da sêde, extenuados do cansaço, faltos de todo o necessário.

Mencionámos já o testemunho do cronista da Província de Portugal, P.^e Manuel Esperança, sôbre as dificuldades de todo o género que encontravam os que, vindo de Itália, penetravam na Península Ibérica. Sôbre êles caía, de ordinário, a *nota de herejes* que os tornava suspeitos aos olhos do povo.

E não sem razão; porque tôda a Europa central era assolada pela heresia, que à paz e tranqüilidade da Igreja movia crua guerra. E a História veio confirmar a opinião contemporânea que acusava os herejes medievais de inúmeros e abomináveis crimes. Tomavam diversos nomes, segundo os lugares e as circunstâncias:

chamavam-se *búlgaros* ou *publicanos*, nas margens do Reno; *patarenos* ou *gazarinos* na Lombardia; *cátaros* ou *albigenses* no sul da França. Os bispos e clero ortodoxo andavam justamente alarmados, não cessando de anunciar aos povos que se acautelassem dos lobos, que em pele de ovelhas se apresentavam para melhor prosseguir em seus danados intentos. E ensinavam-nos a temer-se de falsos devotos, que como *Pedro de Vaud*, o fundador dos «*Pobres de Lyon*», se insinuavam artelmente, sob capa de virtude, autorizada pelo abandono aparente das coisas do mundo e blasonada pobreza evangélica, guerreavam a Igreja Católica, e eram dela os piores inimigos.

Se mesmo em Roma, onde, de olhos atentos e perspicazes, se ia seguindo o desenvolver da nova sociedade fundada por Francisco, foi esta, juntamente com o seu fundador, suspeita de qualquer contágio herético, e que admira tê-lo sido, e seus membros havidos por herejes, e por vezes condignamente tratados, cá por longe, onde tudo chega sempre deturpado? Para mais, sabido é o horror instintivo que os habitantes de âquem-Pirineus sentem contra as inovações na Fé de seus maiores, e com quanta obstinação se opuseram, desde que o Cristianismo aqui foi estabelecido, a prêgadores de doutrinas estranhas.

Ora como para muitos, tudo quanto de Itália procedia, por aquelas épocas, e que não trouxesse a autêntica e indubitável marca da Igreja, havia de ser forçosamente herético, não é para admirar serem tidos e havidos por herejes os pobres Minoritas, sofrendo, em consequência do equívoco, os maus tratos da plebe.

Falavam uma língua estranha, por poucos conhecida; seu traje era nunca visto; suas maneiras e modo de vida não se pareciam com os dos outros monges; a vida errante; o fervor de pregação, que os levava a dirigirem-se ao povo, fôsse onde fôsse, nas praças, nas ruas, onde quer que vissem um grupo de pessoas reunidas — traziam alarmados pastores e fiéis.

Até na própria Alemanha, não tam inconstante na ortodoxia, a missão que lá fôra mandada pelo seráfico Padre, teve que voltar sem outro fruto se não o da paciência pelos maus tratos, pancadas, fomes e sêdes que sofreram.

Foi para obviar a tais desastres que S. Francisco recomendou os dois discípulos à mulher de Afonso II, a piedosa rainha D. Urraca, em quem já êle encontrara, em 1214, sincera amizade e profícuo valimento. ⁽¹⁾

Ao Rei e à Rainha se apresentaram Zacarias e Gualter, remetendo-lhes a apostólica carta circular, que, a páginas 305 desta revista ⁽²⁾, publicámos.

Grande foi a alegria da devota Rainha com as notícias do seu santo amigo. Para satisfazer a saúde curiosa, reteve os mensageiros em sua companhia, durante alguns dias.

E' de presumir que instasse com êles a que ficassem em Coimbra, onde lhes ofereceu protecção e morada, para que vivessem segundo a sua vocação.

Agradecendo as oferecidas liberalidades, recusaram aceitá-las. Zacarias sem motivo que até nós chegasse; Gualter porque trazia encargo de se dirigir à vila de Guimarães, para onde efectivamente partiu, e onde chegou no outono de 1216.

Com êle vieram, conforme tôdas as probabilidades, fundadas nos costumes dos primeiros frades menores, alguns companheiros, cujo número ou nome a tradição não guardou.

Munidos, ou talvez precedidos da recomendação da Rainha de Portugal, fizeram a sua entrada na vila, dirigindo-se à primeira igreja que encontraram, onde fizeram larga oração. Dali foram em busca do hospital,

⁽¹⁾ Alguns escritores negam que S. Francisco se avistasse com D. Urraca. Razões fúteis são as que apresentam para estribar a sua negativa. Seguimos de preferência os antigos Cronistas, que autorizam a tradição. Na verdade parece fora de dúvida que o Santo falou com Afonso VII de Castela (Vid. *Bol. Mens.*, An. VII, pág. 145) em Burgos; que, tendo adoecido, quando se dirigia dali para a fronteira mourisca, tomou a resolução de ir em romaria a Santiago de Compostela; que, para lá ir, elegeu a via de Portugal, dirigindo-se à Guarda e a Coimbra, onde desejava ver o herói principal da batalha das Navas, predicado sedutor para o antigo sonhador de glórias militares. Ora, mas se a Francisco seduzia o brilho da glória militar, inuito mais o atraíam os doces fulgores das virtudes de D. Urraca. Nem esta consentiria em privar-se da conversação dum homem, que por tam insólito motivo — o de converter inouros à Fé de Cristo — viera lá desde as longínquas paragens italianas, por meio de tantas fadigas e perigos.

⁽²⁾ *Boletim Mensal das Famílias Católicas*, Janeiro de 1915.

conforme às exortações de S. Francisco que recomendava, e disso dava exemplo, que, onde quer que chegassem, servissem os pobres e enfermos, e procurassem os hospitais.

A presença dos bons frades dentro dos muros da vila logo foi notada e comentada. Quem seriam? A que viriam?

Levados à presença dos magistrados, foram examinados miudamente sobre a sua fé, a sua procedência; os fins que ali os levavam.



BUSTO-RELICÁRIO DE S. GUALTER
CONSERVA-SE NA SACRISTIA
DA IGREJA DE S. FRANCISCO
(GUIMARÃES)

Quando, pelas respostas de Gualter, vieram no conhecimento de que eram enviados daquele peregrino italiano, que, dois anos antes, resuscitara a filha do caridoso homem que o tinha hospedado, a desconfiança mudou-se-lhes em alegria.

Na pacatez insulada da velha praça-forte, onde poucas notícias vinham quebrar a monotonia das habituais conversações, caiu a notícia, produzindo alvoroço. Todos corriam ao *Hospit*

tal do concelho a prestar devota homenagem a Gualter, e a satisfazer a excitada curiosidade. Ele porém, que não estava acostumado a tantas provas de veneração, nem tam pouco estava apto a responder às perguntas que era de uso fazerem-se a quem vinha de tam longes terras, das bandas de Jerusalém, da pátria do Apostólico ⁽¹⁾, e que temia perder a quietação do seu espírito,

⁽¹⁾ Nesses remotos tempos, em que tam difficilmente se obtinham notícias, e as comunicações entre povos e povos eram pouco menos que impraticáveis, onde quer que chegasse peregrino ou viajero, immediatamente era assediado com perguntas; dando-se todavia muito mais crédito aos dizeres do primeiro do que aos do segundo,

e a apetência para a oração, naquele borborinho e tropel de gentes, pôsto que devotas, ociosas, procurava esquivar-se, ocultando-se nos templos, ou saindo aos campos.

E quando veio ao ponto de aceitar um lugar para viver, escolheu-o retirado da vila, obra de dois quilómetros, na falda dum monte, para onde o acesso era difficil e penoso.

Aí, em sítio ameno e solitário, ainda hoje conhecido pelo nome de *Fonte Santa* ou de *S. Gualter*, em memória do illustre filho de S. Francisco, na encosta do monte de S.^{ta} Catarina, junto das claras águas dum regato, em cela feita de ramos se recolheu a continuar a vida meio eremítica, que na Úmbria praticavam os Irmãos Menores.

Na fundação do eremitério teria o fiel e saúdoso discípulo bem presentes as regras que o Mestre não cessava de repetir:

«Em primeiro lugar — ensinava S. Francisco — não devem os frades aceitar mais terreno do que o estritamente necessário.

«Em segundo lugar, não devem edificar sem permissão do bispo, *porque o Senhor chamou-nos para ajudar os padres da Igreja Romana.*

«Obtida licença, devem os frades abrir um fôssô profundo, para limitar o terreno, e, por detrás do fôssô, plantar uma sebe; e nunca devem construir muros.

«As celas devem ser construídas de ramos entrelaçados, rebocados de barro; e a igreja não deverá ser de grandes dimensões, mas pequenina e pobrezinha.» ⁽¹⁾

porque, sendo pessoa que por motivo sobrenatural se dava à difficil e trabalhosa penitência de recorrer terras, presumia-se que fôsse verdadeira as suas narrativas.

Quando pois corria voz de que à terra tinha chegado peregrino, immediatamente as primeiras famílias mandavam em busca dêle, para lhe oferecer agasalho; movidas de devoção, em parte, e em parte, movidas da curiosidade, e na expectativa de entretidos serões na narrativa de aventuras miraculosas, de coisas extraordinárias, sobre Jerusalém, a Terra Santa, Roma e mais lugares célebres da Cristandade e da Moirama.

Apostólico era uma denominação mui comum do Papa.

⁽¹⁾ *Speculum Perfectionis*, cap. X.

Era ajustado a êste plano o eremitério que o próprio S. Francisco fundou junto da capela de S.^{ta} Maria dos Anjos, ou *Porciúncula*, do qual escreve Tomás de Celano «constar de umas simples cabanas feitas de ramos e barro, recobertas de fôlhas.

«As camas, eram sacos cheios de palha. Mesa e cadeiras, eram a terra nua. Fechava o cerrado em volta, uma paliçada.»

Durante algum tempo repuseram-se da forçada distracção de espírito, que as peripécias da viagem e os incidentes da chegada tinham causado. A êsses primeiros dias devem referir-se as palavras do cronista Esperança: «Comião das esmolas com que vinham visita-los os deuotos sem elles as procurarem, e aproveitando-se da fonte, della bebiam e nella lauauam as suas tunicas, em uma pia ⁽¹⁾ de pedra, a qual se achou á (*sic*) poucos annos, e serve agora na mesma fonte de tanque medecinal, onde muitos enfermos se banham e alcançam saude.» ⁽²⁾

Refeitos, porém, da viagem, e entrados de novo na quietação jubilosa do seu viver quotidiano, começaram a repartir o tempo entre a contemplação, a pregação e o trabalho manual. Durante o dia desciam da tranquillidade do seu retiro à vila, dirigiam-se ao hospital, onde ofereciam os seus serviços, de bom grado aceitos, ou saíam aos campos a ajudar os homens em seus labores, segundo o que se lia na Primeira Regra que S. Francisco ditou: «Os frades que souberem trabalhar, trabalhem e exerçam aquella arte que tiverem aprendido, com tanto que não seja contra a salvação da sua alma, e seja trabalho honesto.» Que era êste o modo de obrar dos minoritas, vê-se confirmado pelo que a legenda nos legou a propósito de Fr. Gil; de quem narra as seguintes anedotas, que constituem outros tantos traços característicos da sua fisionomia moral.

(1) Esta pia existia ainda há bem poucos anos; desapareceu, porém, resultando inúteis as pesquisas que para encontrá-la foram feitas.

(2) *Historia Seraf. dos Frad. Men. da Prov. de Port.*, cap. 40, 3.

«Com destino à Terra Santa, conta Fr. Leão, chegou um dia Fr. Gil a Bríndisi; não encontrando embarcação que o transportasse, teve de permanecer alguns dias naquela cidade. Para os não passar em ociosidade, pediu de esmola uma cântara, foi à fonte enchê-la de água, e ei-lo como qualquer vendedor ambulante a gritar: *Chi vuol dell'acqua*, — quem quer água! — recebendo em troca pão e outras coisas que lhe eram necessárias.

«Outra ocasião foi a um canavial, cortou canas, fêz uns cestos que vendia em troca de pão, não querendo nunca dinheiro.

«Ajudava a enterrar os mortos; e em paga deram-lhe uma vez dois hábitos, um para êle, outro para o irmão companheiro.

«No tempo que esteve em Roma, costumava ouvir missa, de manhã muito cedo; depois partia para o monte, à lenha. Quis certa dama romana dar-lhe mais elevado preço do que valia o feixe, atendendo a que Gil era religioso. Ele, porém, negou-se a recebê-lo, dizendo que temia cair no pecado da cobiça.»

*

Quando nem serviam nos hospitais, nem trabalhavam em trabalho manual, lançavam-se na pregação das verdades eternas, por aquella forma directa, ardente e despreocupada, que vimos ser o género cultivado por S. Francisco.

Os ecos da eloquência de S. Gualter chegaram, pôsto que atenuados na prosa lhana e objectiva dos primeiros historiadores da Ordem, aos ouvidos do P.^e Esperança, que os repete assim:

«No remedio das almas era tanto o seu zelo que andava pelas ruas ensinando doutrina; & se achava ocasião de pregar, nos mesmos lugares soltaua logo a voz, que fazia estremecer, & discursando pelo thema do Baptista *pœnitentiam agite: facite peccadores penitencia*: com tanto espirito falava, que os ouintes pediam perdão a Deos & se desfazião em lagrimas. Se algum obstinado nem com estes sermões publicos, nem com auizos secretos emendava sua vida, diante de todos o reprendia co aquella liberdade, que tem os pre-

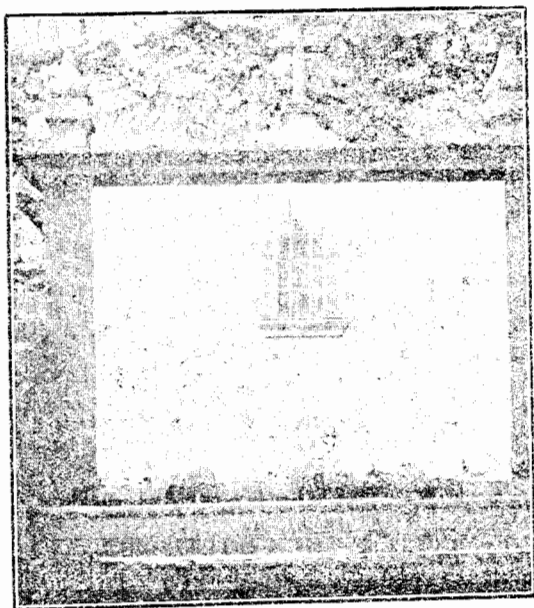
gadores zelosos. Outras vezes entrava por suas casas gritando, como trombeta do ceo, que fizessem pè atrás, senão, que no inferno pararia seu caminho." ⁽¹⁾

Concordam perfeitamente estes dizeres de Esperança com o que já conhecemos da prègação dos Frades Menores. Confirma o que já escrevemos, além dos testemunhos aduzidos, o capítulo XXX das *Fioretti*, que é também uma prova do fruto maravilhoso que essa prègação, não raro, produzia.

(Continua).

T. G.

(¹) *Hist. Seraf.*, liv. I, cap. 47.



FORTE SANTA OU DE S. GUALTER (GUIMARÃES)
NO ESTADO EM QUE ACTUALMENTE SE ENCONTRA.